

# PremieRvet<sup>®</sup>

## INFORMATIVO TÉCNICO

Edição I/2022

### **Plantas ornamentais tóxicas: Foco para aquelas que produzem quadros de estomatite e glossite**

Júlia Waldvogel e Profa. Dra. Silvana Górnaiak – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ/USP)



## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o interesse por ambientes verdes nos interiores domésticos aumentou consideravelmente. Em tempos de maior consciência ambiental e resgate do contato com a natureza, a busca por ambientes preenchidos por uma extensa variedade de plantas ornamentais cresce e busca criar um aspecto de "selva urbana" (tradução livre do inglês para "*Urban Jungle*", uma tendência no paisagismo) para dentro das casas.

Esse estilo de decoração ganhou ainda mais espaço com o cenário de pandemia que se instaurou no início do ano de 2020. A necessidade de isolamento social e as novas rotinas de trabalho e estudo remoto resultaram em maior tempo de permanência dentro de casa. Com isso, novos *hobbies* surgiram durante os momentos mais críticos de isolamento social como forma de ocupar o tempo, reduzir a ansiedade diante do contexto mundial e outras incontáveis razões.

A jardinagem é uma atividade que se evidenciou bastante nesse período. Consequentemente, na busca por atender essa demanda pelas plantas, diferentes estabelecimentos comerciais aumentaram ou até mesmo iniciaram as atividades nesse setor. Assim, além das tradicionais lojas especializadas em jardinagem e paisagismo, hoje diversas lojas já possuem um setor totalmente dedicado à comercialização de plantas ornamentais, inclusive as redes do segmento *pet*.

Porém, o conhecimento das pessoas sobre as espécies de plantas encontradas dentro de suas próprias casas ainda é reduzido. Muitos desconhecem as particularidades de cada uma e

até mesmo os seus nomes, o que pode se tornar um perigo, já que, entre elas, é possível notar uma grande quantidade de plantas tóxicas ou potencialmente tóxicas.

Os grupos mais expostos à intoxicação por plantas são crianças menores de 9 anos<sup>1</sup> e animais de estimação, justamente porque são os que permanecem a maior parte do tempo no domicílio<sup>2</sup>. A principal via de intoxicação é a oral e os cães e gatos podem ingerir partes da planta de acordo com vários fatores: idade, alterações no ambiente ou rotina da casa e fastio. Os animais mais jovens, principalmente filhotes, têm maior risco devido ao seu comportamento e à grande curiosidade<sup>3</sup>. Porém, a ideia de que o cuidado é necessário apenas com os filhotes pode ser equivocada.

A intoxicação por plantas ornamentais parece ter relevância na clínica de pequenos animais. Um estudo realizado no hospital veterinário da Universidade de São Paulo entre 1998 a 2000 revelou que 8,4% dos casos de intoxicação em cães estavam relacionados a plantas ornamentais<sup>4</sup>. Por outro lado, no Brasil não há um centro de controle que notifique especificamente intoxicações em animais, sendo incluídas algumas poucas informações no Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), ao qual compete coletar e divulgar os casos de intoxicação humana, mas que também vem compilando alguns relatos de intoxicação animal.

Normalmente, há ausência de um diagnóstico claro, pois em muitas situações os sinais clínicos não são patognomônicos e se confundem com manifestações causadas por doenças infecciosas, parasitárias ou nutricionais<sup>3</sup>. Também deve-se considerar que

o médico-veterinário pode não ter experiência prática com a intoxicação por plantas durante a sua formação.

Os animais podem ter contato com as plantas em diferentes ambientes: jardins, canteiros em calçadas, garagens e no interior da casa, através dos vasos. Popularmente, os mitos sobre a capacidade dos animais de identificarem quais plantas apresentam toxicidade levam algumas pessoas a ignorarem medidas de precaução quanto ao posicionamento das plantas.

## PRINCÍPIOS ATIVOS TÓXICOS DAS PLANTAS

Não são todas as plantas ornamentais tóxicas que possuem o seu mecanismo de ação completamente elucidado. Ao contrário, são poucos os dados disponíveis na literatura relativos às toxinas dessas plantas. Atualmente, existem relatos de intoxicação por um vasto número de espécies, mas sem comprovação científica suficiente para essa classificação de toxicidade. O mecanismo de intoxicação presente nas plantas tóxicas está relacionado, em grande parte, aos denominados "metabólitos secundários" de cada espécie.

No ambiente natural, as plantas são expostas a diversas circunstâncias: predadores (insetos e herbívoros), infestações por pragas, prejuízos devido a proliferação de microrganismos, necessidade de polinização, amadurecimento de frutos, etc. Frente a esses desafios, a evolução de cada espécie determinou uma estratégia de sobrevivência e vantagem competitiva na natureza, e isso está diretamente relacionado aos metabólitos secundários, que compõem e garantem diversidade a cada espécie.

Portanto, os metabólitos secundários vegetais são constituintes fitoquímicos que participam de processos metabólicos nas plantas, ou seja, não são essenciais para que o organismo tenha vida, mas têm importância na interação dele com o ambiente (por exemplo, defendendo-se quimicamente de insetos). Eles podem ser categorizados de acordo com o tipo da molécula: fenóis, alcalóides, saponinas, terpenos, lipídeos e carboidratos<sup>5</sup>. Vale ressaltar que esses compostos são muito estudados para a busca e desenvolvi-

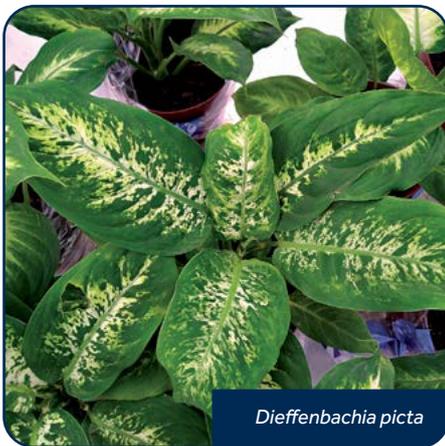
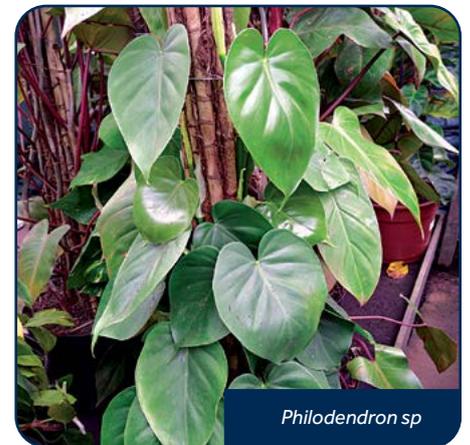
mento de novos fármacos e para a compreensão da toxicidade de certas plantas.

### PLANTAS ORNAMENTAIS CAUSADORAS DE ESTOMATITE E GLOSSITE

Atualmente, em estabelecimentos de jardinagem ou lojas de produtos para animais de estimação, é comum a presença de plantas com potencial de causar danos aos animais, como as espécies causadoras de quadros de estomatites e glossites. São

plantas que possuem uma sintomatologia rápida e grave e que, por isso, necessitam de uma resposta imediata pelo médico-veterinário.

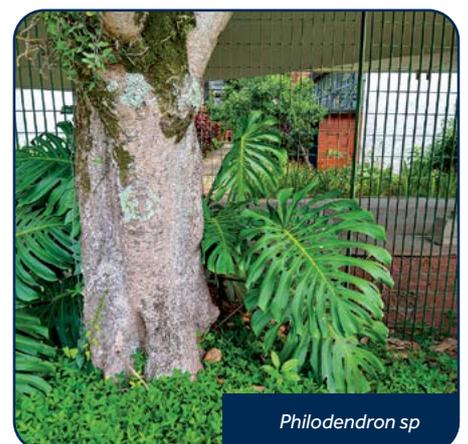
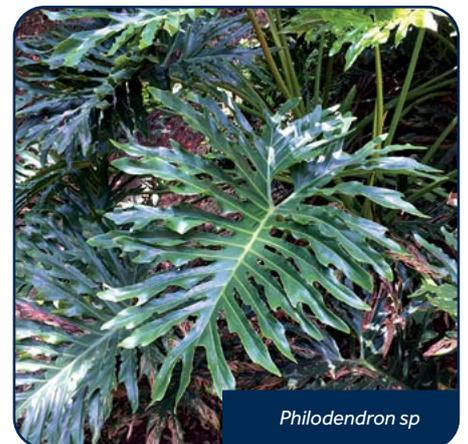
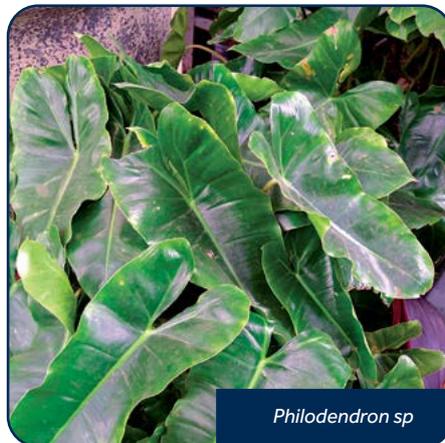
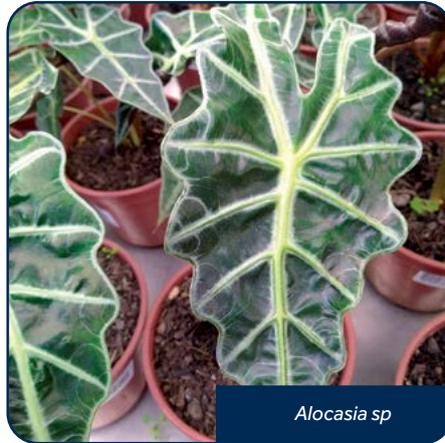
Esse grupo é composto por plantas da família *Araceae*, entre elas destacam-se a *Dieffenbachia picta* (Comigo-Ninguém-Pode), *Philodendron sp* (Filodendro), *Alocasia sp* (Orelha de Elefante) e *Zantedeschia aethiopica* (Copo de Leite). A *D. picta* tem a maior toxicidade do grupo<sup>3</sup>. É necessário realçar



a importância do nome científico de cada uma dessas espécies, uma vez que o nome popular é extremamente variável de

acordo com a região. A partir disso, a identificação da planta, o estudo sobre o tema e a recomendação para os tutores são

feitas adequadamente.



## MECANISMO DE AÇÃO

A origem da toxicidade desse conjunto de plantas ainda é controversa. Antigamente, acreditava-se que a intoxicação acontecia pela presença de inúmeros cristais de oxalato de cálcio distribuídos em células especializadas da planta, os idioblastos, que se projetariam na mucosa bucal e língua do animal. Porém, estudos posteriores mostraram que esse não é o principal promotor da estomatite/glossite, e que esse componente estaria apenas intensificando a atividade de outro princípio ativo não determinado. Propôs-se, ainda, que o composto produtor desse processo inflamatório exuberante seria uma substância proteica, a qual promoveria a liberação de histamina dos mastócitos. No entanto, até o momento não há identificação desse composto, e estudos mais recentes sugerem que o princípio tóxico é um lipídio<sup>3</sup>.

## APRESENTAÇÃO CLÍNICA

Os sinais ocorrem após o animal mastigar e/ou ingerir galhos ou folhas dessas plantas, e o quadro pode surgir mesmo quando não há ingestão. Poucos minutos após essa exposição, os sinais começam a aparecer e podem ser bastante alarmantes. O animal demonstra dor e irritação na região da cavidade oral e pescoço, pode manifestar meneios de cabeça e buscar água na tentativa de aliviar a dor. Observa-se salivação excessiva, disfagia, edema agudo da mucosa da faringe e das cordas vocais, podendo promover grande dificuldade respiratória, ausência de vocalizações e alteração no timbre da voz. Como é desencadeado um processo inflamatório exuberante, o animal desenvolve dispneia e, em

casos mais graves, há obstrução completa de faringe, impedindo a respiração e levando ao óbito<sup>3</sup>.

## DIAGNÓSTICO

O diagnóstico dificilmente será realizado apenas pelos sinais clínicos apresentados. A confirmação é feita a partir do histórico de exposição a uma planta específica que o tutor possui em casa ou que o animal teve contato em outro ambiente.

O relato de exposição feito pelo tutor é essencial para a prevenção de novos acidentes. Correlacionar os sinais observados com as espécies de planta que o animal tem acesso é de extrema importância. Por isso, ao suspeitar desse diagnóstico, o médico-veterinário deve explorar essa possibilidade.

Em situações graves de intoxicação, não se deve privilegiar o diagnóstico em relação à conduta de urgência. Os procedimentos realizados devem assegurar a sobrevivência do animal e garantir seu bem-estar, buscando o restabelecimento das funções vitais<sup>6</sup>.

Os animais podem apresentar sinais clínicos inespecíficos que, aliados à ausência do relato de exposição, dificultam muito o diagnóstico. Nesse caso, a realização do diagnóstico diferencial é necessária.

## TRATAMENTO

A resposta do médico-veterinário deve ser rápida e eficaz para conter os sinais da intoxicação. O tratamento consiste na utilização de anti-histamínicos H1 por via intravenosa (por exemplo, o dimenidrinato) para reduzir o processo inflamatório exagerado que se estende a partir da cavidade oral. É recomendado o uso de demul-

centes (como leite e hidróxido de alumínio) e protetores de mucosa (como sucralfato). O quadro pode ser extremamente doloroso e, por esse motivo, é indicado a administração de hipnoanalgésicos (como butorfanol - 0,1 mg/kg por via IV ou 0,4 mg/kg por via IM ou SC, em cães e gatos)<sup>3</sup>.

A indução de vômito é totalmente contraindicada, uma vez que pode expor novamente as mucosas oral e esofágica às porções ingeridas da planta e, conseqüentemente, à toxina. A lavagem gástrica deve ser feita cuidadosamente devido ao mesmo fator de exposição da mucosa, evitando o contato dos princípios ativos na região. É necessário evitar manipulação excessiva durante esse procedimento. A presença de grandes porções da planta pode dificultar a passagem do material estomacal através da sonda gástrica. A remoção de resíduos da cavidade oral do animal reduz a progressão do processo inflamatório desencadeado pela exposição.

Em casos de exposição na região ocular, deve-se realizar a lavagem na região com água corrente ou solução fisiológica 0,9% entre 10 e 15 minutos, além de exame oftalmológico completo. Os colírios devem ser indicados conforme a necessidade<sup>6</sup>, caso seja observada a lesão ocular. Em exposições cutâneas, o tratamento é feito por meio da administração tópica de gelo e anestésicos locais, como a lidocaína<sup>6</sup>.

Em felinos, já foram relatados distúrbios sistêmicos causados pela intoxicação por *Philodendron sp.* Se esse for o caso, deve-se iniciar o tratamento sintomático e de suporte, além de monitorar a função renal e débito urinário. A fluidoterapia associada reduz a possibilidade de desenvolvimento de insuficiência renal aguda<sup>6</sup>.

## PREVENÇÃO

Os tutores de animais domésticos devem receber recomendações dos médicos-veterinários sobre as plantas ornamentais tóxicas. Essa recomendação é especialmente importante nas primeiras consultas, quando o animal ainda é filhote, mas também deve ser feita quando houver ocorrência de intoxicação na rotina, a fim de evitar novos acontecimentos e auxiliar no uso consciente de plantas decorativas no lar.

O tutor deve estar ciente que, caso não saiba qual espécie de planta possui em casa, a mesma não deve estar acessível para o animal. Os gatos têm acesso mais amplo aos espaços da casa e isso também deve ser levado em consideração ao posicionar os vasos.

É relevante também desmitificar o conceito de que apenas os filhotes possuem o hábito de ingerir plantas. Outros fatores podem desencadear essa alteração de comportamento, como: fastio, estresse, introdução de novos animais na casa ou membros da família – como bebês recém-chegados –, apetite depravado e disfunção cognitiva. Em relação ao último exemplo, deve-se considerar que a expectativa de vida dos animais de companhia aumentou consideravelmente, e, com isso, a maior possibilidade de desenvolverem o quadro de disfunção cognitiva, o qual pode ser um fator relevante em intoxicações em ambiente doméstico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. Ministério da Saúde. Fio Cruz: Sistema Nacional de Informações Toxicológicas (SINITOX), Casos Registrados de Intoxicação Humana por Agente Tóxico e Faixa Etária. Brasil, 2017.
2. ARENA, J. M. Pretty poisonous plants. *Veterinary and Human Toxicology*, v.21, p.108-11, 1979.
3. GÓRNIK, S. L. Plantas tóxicas ornamentais. In: SPINOSA, H.; PALERMO-NETO, J.; GÓRNIK, S. L. *Toxicologia aplicada à medicina veterinária*. 2. ed. Barueri: Manole, 2020. p. 275-282.
4. XAVIER, F. G.; KOGIKA, M. M.; SPINOSA, H. S. Common causes of poisoning in dogs and cats in a Brazilian veterinary teaching hospital from 1998 to 2000. *Vet. Hum. Toxicol.*, v.44, p.115-116, 2002.
5. HUSSEIN, R. A.; EL-ANSSARY, A. A. Plants Secondary Metabolites: The Key Drivers of the Pharmacological Actions of Medicinal Plants. IntechOpen, 2018. DOI: 10.5772/intechopen.76139.
6. SAKATE, M.; KITAMURA, E. A. Intoxicação por Plantas Ornamentais. In: JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P.; KOGIKA, M. M. *Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos*. Rio de Janeiro: Roca, 2015. p. 1985-2043.



# PremieRpet<sup>®</sup>

TEMPO DE NUTRIR. DE VERDADE.

EXISTIMOS PARA TORNAR A  
RELAÇÃO DAS PESSOAS COM  
SEUS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO  
A MAIS PRÓXIMA, PRAZEROSA  
E LONGA POSSÍVEL.

Somos uma empresa **orgulhosamente brasileira**, especialista em nutrição de alta qualidade para cães e gatos e **pioneira no desenvolvimento de alimentos super premium no Brasil**.



**PremieRpet**<sup>®</sup>  
TEMPO DE NUTRIR. DE VERDADE.